

**GABRIELLA ROSSETTI FERREIRA  
(ORGANIZADORA)**



**CULTURA,  
RESISTÊNCIA E  
DIFERENCIAÇÃO  
SOCIAL 2**

Gabriella Rossetti Ferreira  
(Organizadora)

# Cultura, Resistência e Diferenciação Social 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Lorena Prestes  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
C968	Cultura, resistência e diferenciação social 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Cultura, Resistência e Diferenciação Social; v.2)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-524-2 DOI 10.22533/at.ed.242190908  1. Antropologia. 2. Identidade cultural. 3. Resistência cultural. I.Ferreira, Gabriella Rossetti. II. Série.  CDD 306
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

A obra “Cultura, Resistência e Diferenciação Social – Vol. 2” traz diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo das ciências humanas.

Freud, em *O mal-estar da civilização*, obra renomada e publicada em inúmeras edições, defende que a civilização é sinônimo de cultura. Ou seja, não podemos desassociar a funcionalidade cultural em organizar um espaço, determinar discursos e produzirem efeitos.

Por vivermos em tempos em que só o fato de existir já é resistir, seria ingenuidade, tanto de assujeitamento, quanto social, acreditar que a cultura não vem produzindo a resistência, principalmente na diferenciação social. Entre estudiosos, um dos pontos mais questionáveis, entre pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, é sobre o papel do professor como agente cultural, no espaço escolar, mas não podemos legitimar que a escola, bem como o professor, sejam os principais influenciadores. Há, no social, trocas dialógicas, enunciativas e discursivas que configuram e constituem o sujeito em meio sua adequação individual, ou seja, o acultramento perpassa por “muitas mãos”, instituições, sujeitos, ideologias que atuam na formação estrutural.

De acordo com nossas filiações, determinamos culturas, determinamos não culturas, assim como afirma Bourdieu (1989), que responsabiliza essas legitimações aos próprios sujeitos que as vivem. Resistir seria, neste caso, transformar o mundo no qual estamos inseridos. A escola precisa ser transformada, há muito tempo ela serve à legitimação da cultura dominante. É de fundamental relevância que a escola esteja cada vez mais próxima daqueles que são, de certa forma, o coração que a faz pulsar, da comunidade escolar que, ao garantir sua identidade cultural, cada vez mais se fortalece no exercício da cidadania democrática, promovendo a transformação da escola em uma escola mais humanizada e menos reprodutora, uma escola que garanta, valorize e proteja a sua autonomia, diálogo e participação coletiva. Assim, dentro dessa coletânea, buscou-se a contribuição do conceito de mediação como um possível conceito de diálogo para com as problemáticas anteriormente explicitadas.

O termo ensino e aprendizagem em que o conceito de mediação em Vigotsky (2009) dá início à discussão a uma discussão sobre mediação, que considera o meio cultural às relações entre os indivíduos como percurso do desenvolvimento humano, onde a reelaboração e reestruturação dos signos são transmitidos ao indivíduo pelo grupo cultural. As reflexões realizadas, a partir dos artigos propostos na coletânea, nos mostram que a validação do ensino da arte, dentro das escolas públicas, deve se fundamentar na busca incessante da provocação dos sentidos, na ampliação da visão de mundo e no desenvolvimento do senso crítico de percepção e de pertencimento a determinada história, que é legitimada culturalmente em um tempo/espaço.

A escola precisa fazer transparecer a possibilidade de relações sociais, despertar e por assim vir a intervir nestes processos. Se deve analisar de maneira mais crítica

aquilo que é oferecido como repertório e vivência artística e cultural para os alunos, bem como se questionar como se media estas experiências, ampliar as relações com a arte e a cultura, ao contrapor-se ao exercício de associação exercido muitas vezes pela escola nas práticas de alienação dos sujeitos diante de sua realidade.

Todos, no espaço escolar, atuando de maneira mais contributiva como lugar propício para ressignificação, mediação, produção cultural e diálogos culturais, que articulados junto a uma política cultural democrática podem vir a construir novos discursos que ultrapassam os muros que restringem a escola a este espaço de dominação, legitimado pelo atual sistema. A escola, dentro desta perspectiva, passa a ser concebida como um espaço de dupla dimensão. Dentro desta concepção, os processos de mediação potencializam a práxis de um pensamento artístico e cultural. É, atuando atrelado ao cotidiano, em uma perspectiva de mediação, que parte destes pressupostos apresentados que a escola passa a adquirir um carácter de identidade, resistente à homogeneização cultural.

Gabriella Rossetti Ferreira

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
“OS SERTÕES”, CANUDOS E CONSELHEIRO: NEM TUDO É POSITIVISMO	
Izaias Geraldo de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.2421909081	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>18</b>
A PERSONALIDADE DE UM POVO, O TANGO E A SUA MEMÓRIA	
Daiane Glaucia de Oliveira	
Samuel Klauck	
DOI 10.22533/at.ed.2421909082	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>26</b>
A TEORIA DA REVOLUÇÃO DO P.C.B.: OCTÁVIO BRANDÃO, A ALIANÇA DE CLASSES E O FEUDALISMO (1922-1935)	
Danilo Mendes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.2421909083	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>43</b>
ANTROPOLOGIA E MODA: REFLEXÕES SOBRE A REDE DE CRIADORES E CRIADORAS DE SALVADOR	
Luana Nascimento Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.2421909084	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>54</b>
“APRENDI COM MINHA MÃE”: O CONHECIMENTO TRADICIONAL NO TRATAMENTO DE ALGUMAS DOENÇAS EM TRÊS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO RIO GRANDE DO SUL	
Adelmir Fiabani	
DOI 10.22533/at.ed.2421909085	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>72</b>
ARTE, CULTURA E MEMÓRIA NO PENSAMENTO DE FRIEDRICH NIETZSCHE	
Danilo Morae Lobo	
Auterives Maciel Jr	
DOI 10.22533/at.ed.2421909086	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>81</b>
CABARÉ DA RRRRRAÇA: O RECURSO DO RISÍVEL COMO METÁFORA DO ENTRE -LUGAR	
Gildete Paulo Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.2421909087	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>90</b>
COMUNIDADES TRADICIONAIS E A CONSERVAÇÃO DA FLORESTA: UM OLHAR SOBRE A COMUNIDADE VILA FRANCA, RESEX TAPAJÓS-ARAPIUNS, PARÁ, BRASIL	
Marcos Diones Ferreira Santana	
Emeli Susane Costa Gomes	
Luciana Edilena Santos Guimarães	
Ana Daiane Lopes Costa	
Jarlei Dominique Souza da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2421909088	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>101</b>
MEMORIAL DA IMIGRAÇÃO E CULTURA JAPONESA DA UFRGS E O POEMA HAICAI: EM PROL DA DIFUSÃO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL À SOCIEDADE LOCAL	
Tomoko Kimura Gaudioso	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2421909089</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>105</b>
NACIONALISMO SOCIAL, CORPORATIVISMO FASCISTA E “AUTORITARISMO INSTRUMENTAL” NO PENSAMENTO DE OLIVEIRA VIANNA	
Fabio Gentile	
<b>DOI 10.22533/at.ed.24219090810</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>117</b>
O NEORREALISMO E O CICLO BAIANO DE CINEMA: A CONFIGURAÇÃO DE UM IDEÁRIO ÉTICO-ESTÉTICO NA BAHIA NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960	
Euclides Santos Mendes Milene de Cássia Silveira Gusmão	
<b>DOI 10.22533/at.ed.24219090811</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>127</b>
PONTOS DE CULTURA DO LITORAL NORTE E AGRESTE BAIANO E OS NOVOS PARADIGMAS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS CULTURAIS	
Tárcio Leonardo Santos Mota	
<b>DOI 10.22533/at.ed.24219090812</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>135</b>
SABERES E HISTÓRIAS DAS BENZEDEIRAS NO LITORAL DO RIO GRANDE DO SUL	
Ana Paula Danielli André Boccasius Siqueira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.24219090813</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>142</b>
SENSIBILIDADES DO LEMBRAR E DO ESQUECER NOS CORDÉIS-MEMÓRIA DE JARID ARRAES	
Fernanda Santos de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.24219090814</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>152</b>
TORÉ, UM DUETO DE FORÇAS QUE REÚNE POVOS ANCESTRAIS	
Elizabete Costa Suzart	
<b>DOI 10.22533/at.ed.24219090815</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>164</b>
TROPICALISTAS: OUSADIAS EM NOITES DE <i>HAPPENINGS</i> E COMUNICAÇÕES INTERROMPIDAS	
Givanildo Brito Nunes Edson Silva de Farias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.24219090816</b>	



<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>175</b>
UMA INTERPRETAÇÃO DA RELIGIOSIDADE LUSO-BRASILEIRA NA PERSPECTIVA PSICOSSOCIAL DE RUDOLF OTTO	
<a href="#">Michel Kobelinski</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.24219090817</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>196</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>197</b>

## “APRENDI COM MINHA MÃE”: O CONHECIMENTO TRADICIONAL NO TRATAMENTO DE ALGUMAS DOENÇAS EM TRÊS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO RIO GRANDE DO SUL

**Adelmir Fiabani**

Universidade Federal da Fronteira Sul - *Campus*  
Passo Fundo

**RESUMO:** Arvinha, Mormaça e Vila Padre Osmari são comunidades remanescentes de quilombo, situadas na metade norte do Rio Grande do Sul, com características semelhantes a muitas comunidades brasileiras. Possuem história ligada ao passado escravista, guardam e transmitem saberes dos seus antepassados, resistiram/resistem às tentativas de expropriação, mantêm a esperança de receber o título da terra e estão impedidas de acessar algumas políticas públicas. Arvinha e Mormaça são comunidades rurais e Vila Padre Osmari, urbana. Nas referidas comunidades faz-se uso de plantas medicinais como recurso terapêutico e condição para reprodução cultural, religiosa e social. Observa-se que a administração dos chás, compressas, emplastos e banhos quase sempre são acompanhados de rezas, promessas e outros rituais. O conhecimento das espécies vegetais para tratamento e cura das doenças é importante para as comunidades e seus membros, sendo ainda muito utilizado, embora acreditem no poder da medicina tradicional e, apesar da popularização dos medicamentos produzidos em laboratórios. As comunidades orgulham-se quando o conhecimento tradicional

é acessado por outras pessoas e não cobram pelo que sabem fazer na arte de curar. Os saberes das comunidades remanescentes de quilombo, como de todos os povos tradicionais, são de extrema importância para as ciências e para a sociedade em geral. Neste sentido, a academia cumpre sua função social ao registrar e difundir este conhecimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Remanescentes de quilombo. História. Cultura. Conhecimento tradicional. Plantas medicinais.

**“I LEARNED WITH MY MOTHER”: TRADITIONAL KNOWLEDGE IN THE TREATMENT OF SOME DISEASES IN THREE KILOMBOLAS COMMUNITIES OF RIO GRANDE DO SUL**

**ABSTRACT:** Arvinha, Mormaça and Vila Osmari are remnant quilombo communities, located in the northern half of Rio Grande do Sul, with characteristics similar to many Brazilian communities. They have a history linked to the slave past, guard and transmit their ancestors' knowledge, resist / resist attempts at expropriation, hope to receive the title of the land, and are barred from accessing some public policies. Arvinha and Mormaça are rural communities and Vila Padre Osmari, urban. In these communities medicinal plants are used as a therapeutic resource and a condition for cultural, religious and social reproduction. It is observed

that the administration of the teas, compresses, plasters and baths are almost always accompanied by prayers, promises and other rituals. Knowledge of plant species for treatment and cure of diseases is important for communities and their members, and is still widely used, although they believe in the power of traditional medicine and, despite the popularization of medicines produced in laboratories. Communities are proud when traditional knowledge is accessed by others and does not charge for what they know how to do in the art of healing. The knowledge of the remaining quilombo communities, as of all traditional peoples, is of extreme importance for the sciences and for society in general. In this sense, the academy fulfills its social function by registering and disseminating this knowledge.

**KEYWORDS:** Remnants of quilombo. Story. Culture. Traditional knowledge. Medicinal plants.

## 1 | INTRODUÇÃO

Quando os pesquisadores chegam às comunidades remanescentes de quilombos ficam impressionados com os saberes medicinais. Não menos comovidos com o engajamento das mulheres na atenção à saúde das pessoas. Estas, conhecem centenas de espécies, suas propriedades curativas e os respectivos rituais de uso. A tradição que veio com os escravizados, somada ao conhecimento dos indígenas e, agregada à experiência dos europeus, constituiu importante arcabouço ‘medicinal’, que evitou muitas mortes. A saúde dos cativos do período escravista, como dos quilombolas e remanescentes de quilombos, deve-se muito ao conhecimento que os “antigos” possuíam das ervas medicinais.

As comunidades remanescentes de quilombo brasileiras só despertaram atenção do Estado na década de 1980, com a promulgação da Constituição Federal de 1988, que trouxe em seu bojo o Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Este preceito constitucional garantiu o direito das comunidades à propriedade da terra. A partir daquela data o Estado criou políticas públicas para as comunidades e melhorou minimamente as condições de existência. Pesquisa<sup>1</sup> divulgada, em 2006, revelou que as comunidades negras rurais constituem o segmento populacional mais carente do Brasil. Em muitas comunidades há falta de comida ou insuficiência calórica na alimentação diária. Nem todas as comunidades são autossuficientes na produção.

Este artigo aborda brevemente a história de três comunidades quilombolas do Rio Grande do Sul e seus conhecimentos sobre medicina tradicional. Citaremos outras pesquisas realizadas em comunidades negras sobre este tema. Percebemos que há muitas semelhanças entre elas, fato que nos remete à tradição africana transmitida desde o período do cativo. A transmissão deste conhecimento ocorreu de geração

---

<sup>1</sup> Pesquisa realizada em 2006, durante a 1ª Chamada Nutricional Quilombola, publicada em Cadernos de Estudos Desenvolvimento Social em Debate. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação, 2008.

em geração e continua viva nas comunidades.

## 2 | O ENCONTRO DE AFRICANOS E INDÍGENAS

Na África tradicional, “o Homem está situado no vértice de uma pirâmide vital, cuja base é constituída pelos animais, vegetais e o mundo inorgânico”. Cabe ao homem “a possibilidade de manipular essa energia em seu proveito sem quebrar o equilíbrio para sustentar esta articulação de modo a perpetuá-la” (SERRANO; WALDMAN, 2010, p. 137). Os vegetais existem para que o homem possa extrair deles o que lhe faz bem. Este é um dos princípios mediadores da relação - homem, natureza, saúde/doença.

Na costa da África, que vai do Senegal a Moçambique, região de onde foram retirados africanos para o tráfico transatlântico, “quase tudo era explicado e resolvido por forças sobrenaturais, manipuladas por curandeiros, advinhos, médiuns e sacerdotes, que foram chamados de feiticeiros pelos portugueses” (SOUZA, 2007, p. 44). Os curandeiros conheciam a propriedade dos vegetais e ministravam os remédios acompanhados de rituais para afastar os espíritos maus. Acreditavam que a doença estava ligada ao sobrenatural.

Até a chegada dos portugueses, os indígenas curaram suas moléstias através dos elementos da natureza. Eles conheciam uma variedade muito grande de plantas e sabiam suas propriedades. Darcy Ribeiro (1996, p. 582), ao conviver com os índios kaapor, registrou 67 tipos de remédios para as diferentes doenças e suas consequências. Por exemplo, para febre utilizavam banho com infusão das folhas de tiroca, da casca do cupuaçu; catarro retido, espremiam suco de limão nas narinas; dor nos olhos, pingavam sumo de alfavaca, das folhas do olho do algodoeiro e água do cipó *parawá*; impotência sexual era combatida com a ingestão de ananás, seguido de pancadas no membro com o talo-cerne da fruta. Os caboclos paraenses não comiam o talo para evitar a impotência.

Os saberes indígenas foram assimilados pelos povos que tiveram contato com eles no passado - africanos traficados, portugueses e viajantes de outras nacionalidades. Segundo Alfredo Wagner Berno de Almeida (2008, p. 47), no presente, “calcula-se que 75% das drogas usadas em tratamentos médicos têm origens nestas formas de saber que são atuais, fazendo parte da vida cotidiana dos povos indígenas, sendo continuamente repensadas e renovadas a partir de novas experiências”.

Darcy Ribeiro (1996, p. 568) conversou com Chico, um curandeiro negro, “mais conceituado do Gurupi”, que se relacionava com os índios *morocore*. O curandeiro listou remédios que fazia para as seguintes situações:

Doença	Receita/remédio
Cansaço	Chá de raiz de camapu; emplasto de leite de apuí.
Catarro	Lambedor de limão, gengibre, mastruço, hortelã de folha grossa e feito com açúcar ou caldo de cana engrossado.
Febre	Chá de coco verde com folha de goiabarana.
Tumor	Emplasto de sabão com fel de paca.
Perebas	Lava com infusão de casca de andiroba, depois aplica o pó da casca, seca ao sol e raspa.
Feridas na cabeça <sup>1</sup>	Lava com infusão de arruda ou casca de andiroba ou ambos.
Fastio	Chá de pega-pinto com capim-limão.
Menstruação excessiva	Chá de arruda.
Carbumado no seio <sup>2</sup>	Sumo de arruda, mastruço, bebe e aplica.
Escroto inchado <sup>3</sup>	Emplasto de apuí.
Cãimbra	Infusão de casca de andiroba, socada com cipó <i>mucá</i> ou <i>pucá</i> e tabaco.
Beribéri <sup>4</sup>	Fricção na cabeça de folhas de algodão ou cachaça com querosene.
Baço inchado	Emplasto de apuí durante três dias, depois emplasto de leite de jaca, ambos misturados com querosene ou álcool.
Terçol	Lavar em água com limão.
Dor de cabeça	Emplasto de óleo de mamona com borra de café. Aplica na testa.

Quadro 1: Doenças e remédios

Fonte: RIBEIRO, Darcy. *Diários Índios: os Urubus-Kaapor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

As trocas de experiências entre indígenas e quilombolas foram mais frequentes do que imaginamos. Os quilombos incorporaram índios destribalizados às comunidades. Também era comum convencer as mulheres indígenas para serem suas esposas. As experiências de ambos os grupos foram compartilhadas e renderam também fórmulas

1 Muito comum nas crianças e nos adultos porque não usam chapéu.

2 Carço que cresce ao lado do seio.

3 Muito comum nos homens pelo hábito de amarrar o pênis.

4 Pernas trôpegas.

a partir de plantas medicinais.

Em 1856, durante o surto epidêmico do cólera no Recife, repercutiram as receitas de Pai Manoel. A população pobre e, também, a elite, recorreram aos seus serviços. A receita de Pai Manuel, um africano escravo do Engenho Guararapes, envolvia remédios naturais e dieta. Publicada no jornal Diário de Pernambuco (1956), a receita e as recomendações.

Juntam-se raiz de pimenta-malagueta, folhas de lacre, pimenta da Costa, cebolas do reino e raiz de limão. Faz uma garrafada com esses ingredientes, tritura e coa tudo. Mistura com uma tigela de mel de furo, água de dois cocos secos da Bahia e uma xícara de vinagre. Descubre e despe o doente e abre as janelas e portas. Comer carne-assada com pirão, aplicar o remédio e tomar banho frio (Diário..., 26 fev. 1956).

Os conhecimentos de Pai Manoel foram aceitos pelas autoridades locais e o mesmo recebeu a autorização para aplicar seus conhecimentos no Hospital da Marinha do Recife, onde ocupou uma sala com três camas. Não se sabe as motivações que levaram os profissionais da medicina aceitarem dividir o espaço com Pai Manoel. Poderia ser o desespero diante do quadro gerado pelo cólera? Ou crença no poder das receitas de Pai Manoel? Sabe-se que, em Recife, os responsáveis pela autorização dos trabalhos de Manuel foram contestados nas províncias vizinhas e pela própria Corte imperial, sobretudo, na Academia Imperial de Medicina (FARIAS, 2012, p. 215-231).

### 3 | OS SABERES QUILOMBOLAS

Os kalungas de Goiás têm algumas superstições alimentares que chamam atenção pela originalidade. A pessoa que está ferida ou gripada e as mulheres de resguardo não devem comer peixe de “couro”. Uma criança gripada não pode comer frango. O mamão não é consumido porque deixa o corpo sem proteção contra mordida de cobra. As parteiras cortavam o cordão umbilical com uma faca ou tesoura. Após esquentam a faca na brasa do fogão, encostam no umbigo do recém-nascido (LEAL, 1995, p. 44-45, 57-58).

No Piauí, os moradores da comunidade Chapada dos Encantos, no município de Caridade, fazem uso dos benzimentos e garrafadas para cura das doenças. Tanto o benzimento quanto a garrafada devem ser acompanhados de “fé” para produzir a cura almejada. Na Chapada dos Encantos, o ofício de benzer pertence às mulheres, que aprendem ainda jovens, em geral com membros da família, já iniciados. As garrafadas são feitas com cascas de árvores, raízes e ervas colhidas nas matas. As ervas mais utilizadas são o capim-de-cheiro, capim-santo, boldo, cidreira, que normalmente são colhidas no mês de maio (PEREIRA; LIMA, 2012, p. 58-59).

No estado do Piauí, na comunidade quilombola Tapuio, as doenças mais frequentes em crianças são a diarreia e gripe. Nos adultos, a hipertensão (pressão

alta). Segundo Carlos Alexandre Barboza Plínio dos Santos (2012, p. 175), “as pessoas tentam se curar dentro do próprio grupo doméstico, caso não consigam buscam um benzedor, insistindo a doença procuram um médico/hospital”. Em pesquisa de campo, realizada em 2005, a comunidade relacionou 14 plantas com propriedades medicinais e suas indicações.

Nome comum	Usado para
Sete dor	Dores em geral, má digestão, dor de barriga.
Decedeira	Diurético.
Boldo	Estômago.
Pinhão Roxo	Dor de barriga, contra veneno de cobra, dor de gargante, infecção, cicatrização.
Juazeiro	Digestão, mau-olhado, combate a caspa, utilizado como escova de dente.
Musambe	Cicatrização, o chá é bom para a gripe.
Aroeira	Todo tipo de inflamação, principalmente ginecológica.
Babosa	Contra caspa, câncer do colo do útero.
Hortelanzinho	Diarreia infantil.
Malva Capagarote	Rins e câncer.
Agulha de Cavalo	Rins, diurético.
Jurema Preta	Infecção, má digestão, gripe, cicatrização.
Quebra faca	Sinusite, gripe, alergias.
Imburana de cheiro	Sinusite, má digestão, gripe, derrame (utiliza semente), contra veneno, a casca é utilizada contra dor de dente.

Quadro 2: Plantas e indicações

Fonte: PLÍNIO DOS SANTOS, Carlos Alexandre B. **Negros do Tapuío**: memórias de quilombolas do sertão piauiense. 1. ed. Curitiba: Appris, 2012.

O Pará é um dos estados brasileiros com maior número de comunidades negras rurais. Abacatal é uma delas. Os moradores de Abacatal passam os ensinamentos de geração em geração. O conhecimento dos recursos naturais tem ajudado muito no trato das doenças. Pesquisa realizada, em 2003, revelou significativo número de plantas e suas propriedades. Foram citadas 74 espécies para cura de uma centena de doenças (MARIN; CASTRO; 2004).

Também no Pará, as comunidades negras do Trombetas fazem uso de vários

tipos de ervas medicinais. Foram listadas as seguintes espécies: alecrim, arado, alho, andiroba, butá, calinga, camilatenó, casca-doce, ciosa, copaíba, casca-de-preciosa, cipó-pajé, chicória, cravo, capim cheiroso, calido, catinga, depreciosa, ervão, grajio, gergelim, hortelã, hortelã grande, telãozinho, ingirataia, judá, julão, laranja lima, laranja (casca seca), laranjinha, mastruz, manjirona, murucaá, marupuana (raiz), maginca, maipinca, maipirana, um, melhiare, orubucal, paratodo, quina, sândalo, sena, sava-de-maranho, sicurijuzinho, salva do marajó, sabugueiro, urubuca, urubucaá, urtiranga, verônica, velili, zaracura. Para as curas espirituais, as comunidades paraenses utilizam a arruda, camilitana, pau-de-angola, peroba, espírito-ibirataia, banha de tartaruga (ACEVEDO; CASTRO, 1998. p. 180).

A maioria das comunidades negras brasileiras utiliza ervas para proteção do corpo e também das casas, contra espíritos maus, como por exemplo a arruda, espada de São Jorge, pimentinha, quina e outras. Algumas são cultivadas em lugares estratégicos da propriedade. Estas espécies servem para temperar a água do banho. Galhos de arruda são colocados atrás da orelha, no bolso da vestimenta como ‘escudo’ protetor de ‘mau-olhado’.

No Rio Grande do Sul, no interior do município de Santa Maria, encontra-se a comunidade negra Arnesto Penna Carneiro. O pesquisador Cristiano Sobroza Monteiro entrevistou moradores da comunidade, que relataram o uso de ervas medicinais como remédio e algumas espécies para proteção espiritual. Cidreira, cidró, ervão, carquejinha branca do campo, marcela, boldo, guaco, salva, cancaroza, japecanga são algumas plantas com propriedades curativas utilizadas pelos moradores (MONTEIRO, 2015, p. 106-107).

Erva	Finalidade/doença
Marcela	Dor no estômago.
Boldo	Dor de barriga.
Salva	Febre.
Japecanga	Diabetes.

Quadro 4: Plantas e finalidades

Fonte: MONTEIRO, Cristiano Sobroza. **Do quilombo à serra**: migração, identidade e alteridade no RS. Santa Maria/RS: Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria, 2015.

Outras comunidades remanescentes de quilombo fazem uso de plantas medicinais para cura de doenças e também possuem rituais que servem para afastar espíritos maus e energias negativas. O nome das ervas varia de uma região para outra, no entanto, a função é praticamente idêntica. A forma de preparo apresenta



diferenças quando entram diferentes fatores, como uso no chimarrão e outros.

## 4 | ARVINHA, MORMAÇA E PADRE OSMARI: HISTÓRIAS PARECIDAS

O trabalho escravizado marcou a história do Brasil. No Rio Grande do Sul não foi diferente. Em 1725, na expedição de João Magalhães, há referência de “homens pardos escravos”. Em 1802, os cativos representavam 37,10% da população total. “O trabalhador escravizado desempenhou importante papel na economia sulina até 1884-85, quando, através das alforrias com cláusula de prestação gratuita de serviço, em geral por sete anos, os escravistas tentaram prolongar por alguns anos a exploração servil”. (MAESTRI, 2006, p. 43-50).

O atual território do Rio Grande do Sul, por muito tempo, pertenceu à Espanha. Portugal e Espanha disputaram palmo a palmo o território sulino e uma das estratégias adotadas pelos lusitanos, para delimitar as fronteiras, foi a doação de sesmarias. Em 20 de janeiro de 1680, os portugueses fundaram a Colônia do Santíssimo Sacramento. No início dos 1700, os luso-brasileiros começaram a extrair gado das terras sulinas. O gado vacum e os muares, principais elementos econômicos, rapidamente povoaram as estâncias.

Passo Fundo surge neste contexto econômico, quando o cabo Manuel José das Neves, em 1827, recebeu terras da Comandância Militar de São Borja. Em 1830, o capitão Joaquim Fagundes dos Reis passou a exercer a função de comissário no pequeno povoado. As terras doadas ao cabo Neves eram bem irrigadas por rios e lajeados, coberta por araucárias, ervas-mate, canelas, angicos e outras espécies. Havia campos favoráveis à criação de gado.

Os primeiros estancieiros a expandirem suas propriedades na direção do atual município de Sertão foram Francisco Barros de Miranda e Amâncio de Oliveira Cardoso. Estes senhores tornaram-se pessoas influentes na região. Francisco de Barros Miranda lidou com gado, foi Juiz de Paz e vereador em dois mandatos - 1864 e 1873. Em uma das suas propriedades, na divisa dos atuais municípios de Coxilha e Sertão, havia uma “grande mangueira utilizada para as atividades campeiras”, com um pé de Cambará, árvore pequena, popularmente chamada de Arvinha.

As terras onde estão localizadas as comunidades Arvinha e Mormaça foram conquistadas de diferentes formas: doação registrada em testamento, ocupação e compra. A comunidade Padre Osmari é um bairro urbano da cidade de Colorado. A fixação da comunidade ocorreu espontaneamente, uma família após a outra. A redução do território em relação à área inicial se deu por venda, ‘invasão’ e apossamento por parte de terceiros.

### 4.1 Arvinha

A comunidade negra Arvinha se formou em terras doadas à cativa Cezarina pelo

coronel Francisco de Barros Miranda. Cezarina trabalhou na casa do coronel e também o acompanhava nas batalhas que ele e seus homens participavam, na condição de cuidadora. O coronel Miranda teve um relacionamento com a escrava Cezarina, do qual resultou cinco filhos: os gêmeos Quirino e Quirina, nascidos em 1875; Leonor, em 1876; Silvana (sem data precisa) e Antão, nascido em 1879.

As terras conquistadas por Cezarina serviram para retirar o sustento da família, que foi aumentando por meio dos nascimentos e incorporação de novos membros. Quando as terras da região ficaram valorizadas, o processo de expropriação seguiu o mesmo ritual da maioria das comunidades negras: dificuldades financeiras determinaram a venda de parte das terras; falta de documentos resultaram no ‘encolhimento’ da área inicial; apropriação ilegal por terceiros.

Em 2004, a Fundação Cultural Palmares emitiu a certificação de comunidade remanescente de quilombo para a comunidade Arvinha. Em 2007, formou-se a Associação dos Remanescentes do Quilombo Arvinha. A referida comunidade construiu um salão que serve para encontros, reuniões, celebrações e festas religiosas.

#### 4.2 Chica Mormaça

Amâncio de Oliveira Cardoso era filho adotivo de Maria Luiza de Oliveira, paulista e uma das primeiras proprietárias da região. Casou-se com Balbina Prudência de Souza, irmã de Maria Prudência de Souza, esposa do coronel Miranda. Foi por meio do seu casamento que Amâncio Cardoso fortaleceu seus vínculos com a elite local, o que lhe permitia uma maior participação política e socioeconômica na sociedade local (Cf. SANTOS, 2009, p. 133-134). Vinculado ao Partido Liberal, liderado em Passo Fundo pelo major Antônio Ferreira Prestes Guimarães, Amâncio foi eleito vereador em 1872 e, em 1882. Durante a Revolta Federalista (1893-1895) integrou as tropas federalistas. O coronel Amâncio de Oliveira Cardoso faleceu em 1904.

Em 1863, Amâncio de Oliveira Cardoso herdou da sua mãe a cativa Firmina Vieira, quando esta tinha cinco anos. Firmina, em idade adulta, deu à luz a uma menina chamada Francisca, a Chica Mormaça. Não sabemos ao certo a data de nascimento de Francisca, apenas que ocorreu entre os anos 1892 a 1894.

O lugar que a comunidade ocupa atualmente é o mesmo de quando ocorreu o apossamento, no século XIX. No início do século XX, com a chegada dos descendentes de imigrantes italianos e alemães à região, as comunidades negras sentiram na pele as dores da expropriação. A área inicial foi reduzida a poucos hectares, suficientes para residir, porém escassos para produzir alimentos e renda.

Em 2004, Mormaça foi certificada pela Fundação Cultural Palmares como Comunidade Remanescente de Quilombo. Esta comunidade também possui sede própria. Os moradores frequentam as igrejas: católica e evangélica. Os estudantes

são transportados pela prefeitura de Sertão para as escolas urbanas do município.

### 4.3 Vila Padre Osmari

A comunidade remanescente de quilombo Padre Osmari, ocupa o bairro homônimo, em Colorado, estado do Rio Grande do Sul. O município foi emancipado em 13 de setembro de 1962. Seu nome deriva da cor das águas turvas de um rio homônimo. Os moradores da Vila Padre Osmari têm passado ligado à escravidão e seus descendentes trabalharam nas propriedades da família de Quadros. Vila Padre Osmari, foi certificada pela Fundação Cultural Palmares, em 16 de novembro de 2011.

Os moradores de Padre Osmari têm muito presente na memória o trabalho dos antepassados em terras de fazendeiros da região. Com a mecanização das lavouras e a mudança da atividade econômica pastoril para a agricultura intensiva, a mão de obra braçal foi reduzida. Consequente, houve êxodo rural dos trabalhadores das ‘granjas’ para o bairro urbano.

## 5 | SABERES QUE PASSAM DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO

A larga experiência indígena sobre plantas medicinais, somada ao conhecimento africano, resultou em significativo cabedal de saberes referentes ao trato das moléstias que assolavam as populações da época. Desde que chegaram ao Brasil, os africanos escravizados utilizaram seus conhecimentos sobre práticas curativas, pois não havia médicos e indústria de remédios na Colônia.

As comunidades negras brasileiras guardam saberes ligados à medicina natural, que foram passadas de geração em geração e chegaram até nós. Os trabalhadores escravizados trouxeram da África a tradição de que a enfermidade tinha como causa ações de espíritos malévolos ou o ato proposital de humanos, em geral, através de feitiçaria ou bruxaria.

No Brasil, por exemplo, a prática da sangria fez parte do tratamento de quase todas as doenças conhecidas. Desde o século XVI, africanos e seus descendentes faziam sangrias e este saber foi incorporado pela população da época. Para Alfredo Wagner Berno de Almeida (2008, p. 14), os “conhecimentos tradicionais” e de “saberes locais” vão muito além da relação ervas medicinais e doenças.

Eles não se restringem a um mero repertório de ervas medicinais. Tampouco consistem numa listagem de espécies vegetais. Em verdade, eles compreendem as fórmulas sofisticadas, o receituário e os respectivos procedimentos para realizar a transformação. Eles respondem a indagações de como uma determinada erva é coletada, tratada e transformada num processo de fusão.

Nas comunidades Arvinha, Mormaça e Padre Osmari o uso de chás, banhos, emplastos, infusões, pomadas a partir de folhas, cascas, raízes e sementes é recorrente. Segundo Heron Lisboa de Oliveira (2014, p. 182-183), “a utilização de um grande universo de plantas como remédios em Comunidades precisa ser compreendida a

partir de um contexto social e econômico levando-se em consideração os fatores culturais envolvidos nas etiologias das doenças”. Conforme o referido pesquisador, “na produção de remédios tanto para o consumo humano quanto para animais, os remanescentes utilizam inúmeras espécies de plantas nativas”.

Nas comunidades Arvinha, Mormaça e Padre Osmari, as mulheres são maioria entre os detentores do conhecimento sobre plantas medicinais e suas propriedades.

Os medicamentos utilizados de diversas maneiras e concentrações para o uso tópico, oral, infusão, banhos e outras, são preparados pelas pessoas mais “experientes” e geralmente com mais idade. São conhecidos por curandeiras, curandeiros, carregam o conhecimento sobre as plantas, “os males” e a técnica de cultivo, colheita e preparo dos remédios (OLIVEIRA, 2014, 184).

Doenças/sintomas	Ervas e formas de uso
Cicatrizante	Confrei (pomada).
Cólica em criança	Camomila, funcho, manjerona (chá).
Cólicas menstruais	Artemisa (chá), amuda (sumo diluído na água), malva (chá).
Coração	Alecrim (chá).
Cortes, ferimentos, feridas que não cicatrizam	Banha de porco.
Diarreia	Massanilha, casca de jaboticaba (chá).
Dor de barriga	Coentro, casca de jaboticaba, casca de romã (chá).
Dor de cabeça	Pontalvio, marcela (chá).
Dor no estômago	Artemisa ou Artemisia, marcela, cipó mil homens, boldo, sálvia (chá).
Dores nas pernas	Mastruz com álcool ou cachaça (banho, estrega, enfia um pano embebido).
Expectorante	Xarope de casca de cerejeira, folha de ameixa de inverno, agrião com açúcar queimado.
Febre	Pontalvio (chá).
Febre	Alpo (chá).
Garganta inflamada	Gengibre.
Gripe	Folha de bergamoteira (chá), leite com alho (chá), gomada com chá de mamela, folha de casca de laranja (chá), guaco (chá).
Infecções e diarreia	Tansagem (chá).
Insônia	Melissa, cidrozinho, erva-cidreira (chá).
Laxante	Semente de abóbora.
Menstruação atrasada	Mastruz (chá).
Para acalmar os vermes	Cheirar alho.
Pressão alta	Alho, folha de chuchu branco (chá).
Sarampo	Sabugueiro (chá).
Tosse	Sálvia (chá).
Transtornos de humor	Alfazema, erva-cidreira (chá).
Vermes	Losna (chá), semente de abóbora (torrada e moída).
Vermes em crianças	Chá com três flores de marcela.

Quadro 5: Doenças/sintomas e plantas medicinais

Fonte: Depoimentos de mulheres moradoras nas comunidades Arvinha, Mormaça e Padre Osmari. Entrevistas realizadas no período de dezembro de 2017 a abril de 2018, disponíveis na UFFS, Campus de Passo Fundo.

## 6 | PROPRIEDADES DAS PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS EM ARVINHA, MORMAÇA E PADRE OSMARI

Agrião (*Nasturtium officinal*) tem propriedades para melhorar a saúde dos olhos e da pele; fortalecer o sistema imunológico; prevenir doenças cardíacas como infarto e aterosclerose; prevenir anemia, por ser rico em ácido fólico; fortalecer os ossos; melhorar a digestão e ajudar a emagrecer; combater doenças respiratórias, por ter propriedades expectorantes e descongestionantes; potencial efeito anticâncer. Com agrião, mel e guaco faz-se xarope, muito utilizado nas comunidades negras (TUA SAÚDE, 2018).

Artemija ou Artemísia (*Artemisia vulgaris*) é a erva da mulher. Também conhecida como losna, é indicada para asma, gripes, anemia, cólicas tanto menstrual quanto intestinal, problemas no estômago, cãibras, diarreia, reumatismo, nevralgia, auxiliar no tratamento da diabetes. Regulariza o funcionamento do estômago, fígado, rins, bexiga, pulmões. Excelente diurético. O uso desta planta medicinal é muito antigo, remonta o tempo dos egípcios. O uso em excesso pode provocar abortos (GINECOLOGIA NATURAL, 2017).

Confrei (*Symphytum officinale*) possui ação adstringente, amarga, anti-inflamatória, béquica, calmante, cicatrizante, depurativa, desintoxicante, emoliente, expectorante, hemostática, hidratante, higienizante, laxante, mineralizante, mucilaginoso, regeneradora, tônica, vulnerária, dentre outras. Utilizada em casos de anemia, asma, diabetes, disenteria, hemorroidas, leucemia e reumatismo (MEDICINA NATURAL, 2018).

Erva-cidreira (*Melissa officinalis*), também conhecida como melissa, é usada para melhorar a qualidade do sono, aliviar as dores de cabeça, combater os gases, prevenir distúrbios digestivos, aliviar as cólicas menstruais e intestinais, prevenir distúrbios renais, promover o alívio da tosse, o bem-estar e a tranquilidade (ZANIN, 2018).

Gengibre (*Zingiber officinale*) é uma planta medicinal utilizada para má digestão, azia, enjoo, gastrite, resfriado, colesterol alto, pressão alta, tosse, dores musculares, problemas de circulação sanguínea e artrite. Também ajuda a emagrecer, usada no tratamento de resfriados, inflamações como dor de garganta (ZANIN, 2018).

Guaco (*Mikania glomerata Spreng*), também conhecido como erva de serpentes, cipó-catinga, é utilizado para tratar gripe, tosse, rouquidão, infecção na garganta, bronquite, alergias, infecções na pele e reumatismo. Contraindicado para indivíduos com doenças no fígado (CARDOSO, 2018).

“Pontalívio” ou Pronto Alívio (*Achillea millefolium*), planta originária da Europa, encontrada em quase todo território brasileiro, conhecida com aquileia, erva de carpinteiro, atoveran, erva dos carreteiros, erva de cortaduras, mil em rama, milefólio, mil folhada, novalgina, nariz sangrento, erva dos militares, pronto alívio, prazer das

damas e muitos outros nomes. As propriedades medicinais e fitoterápicas da planta mil folhas são: analgésica; adstringente; antibiótica; anti-inflamatória; antiespasmódica; antisséptica; antipirética; antimicrobiana; aromática; diurética; digestiva; expectorante; estimulante e tônica (BENEFÍCIO DAS PLANTAS, 2018).

Macela ou Marcela (*Achyrocline satureioides*), planta nativa da América do Sul que possui as propriedades de aliviar o stress e ansiedade; clareia os fios de cabelo e acaba com a queda; ameniza cólicas intestinais; regula a desordem menstrual; trata diarreia, disenteria, azia e dores de estômago; controla as contrações musculares bruscas; melhora a digestão, evita disfunções e perturbações gástricas; trata casos de epilepsia, cefalalgia, reumatismo e impotência; acaba com a retenção de líquidos; pode ser eficiente na lavagem de pés fétidos; ajuda a pele e cabelos a adquirirem mais saúde; pode ser usada para tratar resfriados (TUA SAÚDE, 2018).

A macela é amplamente utilizada por quase todas as comunidades negras do Rio Grande do Sul. As famílias usam para dores no estômago, má digestão e cólicas de fígado. A planta também é usada para tratamento da gripe e eliminar o catarro. Para este fim, faz-se chá e adiciona-se gemas de ovos batidos. Também utiliza-se a macela dentro de travesseiros, pois acredita-se que a mesma tem propriedades calmantes.

Manjerona (*organum majorana*) é uma planta aromática indicada para problemas digestivos, diarreia e falta de apetite. Também utilizada para asma, flatulência, gripe, resfriados, tosses, bronquite, herpes genital, cólica menstrual ou intestinal, reumatismo, cansaço, libido baixa, apatia e contusão (SILVA, 2018).

Mastruz (*Chenopodium ambrosioides*), planta originária do México, conhecida como erva-santa, erva-de-Santa-Maria, possui propriedades anti-inflamatórias, vermífugas, expectorantes, cicatrizantes, sedativas, aromáticas, digestivas, abortivas, antimicrobianas, antifúngicas e antivirais. A planta é indicada na constipação intestinal, recuperação de feridas e coceiras. Também elimina do organismo parasitas e vermes, auxilia no tratamento da amenorreia, cólicas estomacais e flatulências. O mastruz costuma ser um eficiente auxiliar no tratamento de malária. Esta erva provoca aborto (CHÁ BENEFÍCIOS, 2018).

Sabugueiro (*Sambucus nigra*) é utilizado no tratamento de gripes e resfriados, melhora o sistema imunológico. Informações obtidas na comunidade Mormaça indicam o uso do chá de sabugueiro para amenizar os efeitos do sarampo (CHÁ BENEFÍCIOS, 2018).

Sálvia (*Salvia officinalis*) é expectorante, auxilia no tratamento da bronquite, rinite, e, também, é antitussígena. É a erva das mulheres, pois trata de problemas menstruais, menopausa e ajuda a equilibrar o sistema hormonal (GREENME, 2018).

Tansagem (*Plantago major*) é indicada para sangramentos e acelera a cicatrização. Também melhora o sistema imunológico. Utilizada no tratamento da tosse, faringite, laringite e bronquite (MELHOR COM SAÚDE, 2018).

## 7 | PROTEÇÃO CONTRA OUTROS ‘MALES’

Durante todo o período colonial, os rituais africanos de fé participaram do cotidiano da sociedade. Proibidos pelas autoridades, contestados por alguns dos poucos médicos existentes, os ‘trabalhos’ espirituais eram requisitados inclusive pela elite. Segundo Renato da Silveira (2005, p. 18-19), “figuras como o congolês Domingos Umbanta, flagrado em 1646 pelos visitantes da Inquisição na capitania de Ilhéus [...], “a angolana Luzia Pinta, muito bem sucedida na freguesia de Sabará, entre 1720 e 1740 [...], “a courana Josefa Maria ou Josefa Courá, estabelecida no arraial de Paracatu, [...]; o daomeano Sebastião, estabelecido em 1785, na cidade de Cachoeira, no Recôncavo Baiano” rezavam, prestavam auxílio espiritual, “sabiam preparar tisanas, cataplasmas e unguentos”.

De acordo com Silveira (2005, p. 19), seus conhecimentos aliviaram as moléstias triviais da população colonial, também serviram no tratamento das “doenças mais graves como a tuberculose, a varíola e a lepra, usando recursos da farmacopéia tradicional”. Os advinhadores, curandeiros, calunzeiros e rezadeiras sabiam “curar distúrbios mentais e espirituais, usando tratamentos combinados e complexos”. Não raro, foram perseguidos e tiveram seus ofícios questionados.

Um exemplo foi José Sebastião da Rosa, conhecido como Juca Rosa, o grande Pai Quilombo, que atendeu “trabalhadores escravizados, livres e libertos, capoeiras, políticos, ricos comerciantes, membros das elites econômicas brancas e letradas”. Segundo Gabriela dos Reis Sampaio (2005, p. 34-35), “era considerado feiticeiro poderoso, podendo curar males do espírito e do corpo”. Fabricava e vendia “breves, um tipo de bolsa de mandinga ou patuá feito para evitar feitiços ou proteger contra malefícios, usado junto ao corpo, num colar ao pescoço”. Serviam para “proteção contra ‘qualquer outro feiticeiro que lhes fizesse qualquer mal’, e também para ‘dar felicidade’, ‘dar fortuna’ e ‘livrar do quebranto’, como afirmou um seguidor seu”.

O ofício de curar os males do corpo e do espírito sobreviveu aos tempos e alcançou as comunidades negras contemporâneas. Em Minas Gerais, por exemplo, na comunidade remanescente de quilombo Touro, na divisa dos municípios Porteirinha e Serranópolis, as benzedeadas são muito requisitadas. Utilizam “qualquer folha verde, mas as preferidas são as folhas de fedegoso, São João e surucaba”. Em Cama Alta, município de Teófilo Otoni, a comunidade recorre aos préstimos de Dona Miguelina, “a benzedeadas mais requisitada” (SANTOS; CAMARGO, 2008, p. 265-339).

Nas comunidades quilombolas Arvinha e Mormaça, a proteção contra espíritos maus ou energias negativas vindas de outras pessoas é prática cotidiana. Segundo Heron Lisboa de Oliveira (2014, p. 184).

Benzimento e simpatia também são práticas tradicionais culturais que vem da oralidade das gerações anteriores. [...] Há benzimentos para picadas de aranhas, para “feridas” na pele, para temporais que se aproximam e até para espantar cobras no verão, entre outros tantos.



Na comunidade Tapuio, estado do Piauí, o “quebranto” é uma ‘doença’ comum. “Doença que se caracteriza por moleza no corpo, febre e diarreia. As vítimas preferenciais são crianças. Popularmente chamado de mau-olhado”. Para cura deste ‘mal’ recomenda-se a benzedura. Segundo Carlos Alexandre Barboza Plínio dos Santos (2012. p. 177), “muitas vezes, as parteiras no Tapuio acumulam as funções de benzedeira como forma também de aumentar a credibilidade em seu trabalho e porque executam alguns procedimentos de ordem do sagrado ao pedir proteção divina à mulher grávida”.

O quebranto ou quebrante, mau-olhado, olho-gordo são algumas expressões que aparecem em muitos depoimentos, praticamente em todas as comunidades negras, referindo-se às consequências que uma pessoa sofre por manter contato com outra que tem inveja ou deseja-lhe o mal. Acreditam que uma criança, por ser mais frágil, está mais suscetível a esse tipo de energia enviada por outra pessoa. Muitas vezes, cita-se que a energia negativa era para um adulto, mas quem ‘pegou’ foi a criança por estar ‘desprotegida’.

## 8 | CONCLUSÕES

“*Aprendi com minha mãe*” é o título deste artigo que aborda sinteticamente o conhecimento sobre as plantas medicinais e suas propriedades curativas, presente nas comunidades remanescentes de quilombo, sobretudo, em Arvinha, Mormaça e Padre Osmari. Poderíamos ter escolhido outro nome, mas este foi o mais significativo. O ato de aprender remete à capacidade que o ser humano tem de reter informações, processá-las, ressignificá-las e fazer uso quando necessário. Aprender com os mais velhos é muito mais do que absorver conhecimento, trata-se do respeito à ancestralidade.

O uso de ervas com propriedades curativas acompanha a humanidade desde seus primórdios. Os povos indígenas conheciam milhares de espécies vegetais e suas utilidades, muitas delas foram incorporadas pelos colonizadores e transformadas, posteriormente, em remédios industrializados. O encontro dos saberes indígena e africano resultou em conhecimento mais apurado sobre o uso de remédios a partir da natureza, não raro, este arcabouço de receitas amenizou a dor, salvou vidas, livrou do sofrimento, visto que, o acesso aos médicos ‘doutos’ era bem restrito.

Na grande maioria das comunidades remanescentes de quilombo do Brasil há pessoas que sabem fazer chás, pomadas, xaropes, emplastos e outros remédios. Não é diferente com as comunidades Arvinha, Mormaça e Padre Osmari, objeto central desta pesquisa. Nas três comunidades, o uso das plantas medicinais não é mera alternativa à falta de medicamentos produzidos pela indústria farmacêutica, mas crença na eficácia das propriedades curativas das plantas medicinais. Registramos também ‘receitas’ para os males da alma e ‘proteção’ contra os efeitos proporcionados pelas energias negativas.

A transmissão do conhecimento ocorre de forma espontânea, pela convivência,

ou seja, dos mais velhos às gerações mais novas. As mulheres são maioria entre aqueles que detêm o conhecimento. Percebe-se que as mães sentem a necessidade de repassar às filhas os conhecimentos sobre remédios naturais, sobretudo, aqueles utilizados para doenças comuns aos bebês. Ensinar como fazer os remédios e os rituais de proteção vai muito além do cuidado com a saúde do bebê. Significa repassar o conhecimento para quem dará continuidade à vida da comunidade. “*Aprendi com minha mãe*” é uma expressão repetida muitas vezes quando se trata de conhecimentos sobre gravidez e primeiros cuidados com o bebê.

## REFERÊNCIAS

ACEVEDO, Rosa; CASTRO, Edna. **Negros do Trombetas**: guardiães de matas e rios. 2. ed. Belém: Cejup/UFGPA-NAEA, 1998.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. [Org.]. **Conhecimento tradicional e biodiversidade**: normas vigentes e propostas. 1. vol. Manaus: Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia/Fundação Ford/Fundação Universidade da Amazônia, 2008.

BENEFÍCIO DAS PLANTAS. Mil folhas. Disponível em: <<https://www.beneficiosdasplantas.com.br/mil-folhas/>>. Acesso em 27 jun 2018. Cadernos de Estudos Desenvolvimento Social em Debate. Brasília, DF : Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação, 2008.

CARDOSO, Érica. Guaco combate a tosse e reumatismo. <<https://www.tuasaude.com/guaco/>>. Acesso em 29 de nov de 2018.

CHÁ BENEFÍCIO. Chá de Mastruz: benefícios e propriedades. Disponível em: <<https://www.chabeneficios.com.br/beneficios-cha-de-mastruz/>>. Acesso em 28 jun 2018.

CHÁ BENEFÍCIOS. Chá de sabugueiro serve para a tosse e muito mais. Disponível em: <<https://www.chabeneficios.com.br/cha-de-sabugueiro-serve-para-tosse-e-muito-mais/>>. Acesso em 28 jun 2018.

FARIAS, Rosilene Gomes. Pai Manoel, o curandeiro africano, e a medicina no Pernambuco imperial. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro. v.19, supl., dez. 2012, p. 215-231.

Fonte: RIBEIRO, Darcy. **Diários Índios**: os Urubus-Kaapor. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GINECOLOGIA NATURAL. Plantas – Artemísia, a Erva da Mulher! Disponível em: <<http://ginecologianatural.com.br/plantas-artemisia-a-erva-da-mulher/>>. Acesso em 30 jun 2018.

GREENME. Sálvia: a planta amiga das mulheres. Disponível em: <<https://www.greenme.com.br/usuarios/beneficios/3794-salvia-planta-amiga-dasmulheres>>. Acesso em 28 jun 2018.

LEAL, Hermes. **Quilombo**: uma aventura no Vão das Almas. São Paulo: Mercury, 1995.

MAESTRI, Mário. **O escravo no Rio Grande do Sul**: trabalho, resistência e sociedade. 3. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo; CASTRO, Edna Maria Ramos de (Orgs). **No Caminho de Pedras de Abacatal**: experiência social de grupos negros no Pará. 2. ed. Belém: NAEA/UFGPA, 2004.

MEDICINA NATURAL. Confrei: benefícios, efeitos colaterais e propriedades medicinais. Disponível em: <<http://www.medicinanatural.com.br/confrei-symphytum-officinale/>>. Acesso em 28 jun 2018.

MELHOR COM SAÚDE. O uso da tansagem: uma erva milenária. Disponível em: <<https://melhorcomsaude.com.br/tansagem-erva-milenaria/>>. Acesso em 28 jun 2018.

MONTEIRO, Cristiano Sobroza. **Do quilombo à serra: migração, identidade e alteridade no RS**. Santa Maria/RS: Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria, 2015.

OLIVEIRA, Heron Lisboa de. **Comunidades remanescentes de quilombo de Arvinha e Mormaça: processos educativos na manutenção e recuperação do território**. São Leopoldo: UNISINOS/ Programa de Pós-graduação em Educação, 2014. [Tese de Doutorado].

PEREIRA, Ricardo Augusto; LIMA, Solimar Oliveira [Orgs.]. **Bens Negros: referências culturais em comunidades quilombolas do Piauí**. Teresina, PI; Iphan, PI: 2012.

PLÍNIO DOS SANTOS, Carlos Alexandre B. **Negros do Tapuio: memórias de quilombolas do sertão piauiense**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2012.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. O mito Juca Rosa. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro. Ano 1. n. 6. dez. 2005. pp. 32-35.

SANTOS, Maria Elisabete Gontijo dos; CAMARGO, Pablo Matos. (Orgs). **Comunidades quilombolas de Minas Gerais no século XXI: história e resistência**. Belo Horizonte: Autêntica/CEDEFES, 2008.

SERRANO, Carlos; WALDMAN, Maurício. **Memória D'África: a temática em sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, Débora. Manjerona: benefícios e propriedades medicinais. Disponível em: <<https://www.remedio-caseiro.com/manjerona-beneficios-e-propriedades-medicinais/>>. Acesso em 28 jun 2018.

SILVEIRA, Renato da. Do Calundu ao Candomblé. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro. Ano 1. n. 6. dez. 2005. pp. 32-35.

SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil africano**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2007.

TUA SAÚDE. Agrião combate a anemia e melhora a pele. Disponível em: <<https://www.tuasaude.com/agriao/>>. Acesso em 30 jun 2018.

TUA SAÚDE. Benefícios do chá de Macela e como fazer. Disponível em: <<https://www.tuasaude.com/macela/>>. Acesso em 28 jun 2018.

ZANIN, Tatiana. Benefícios do chá de erva-cidreira. Disponível em: <<https://www.tuasaude.com/beneficios-do-cha-de-erva-cidreira/>>. Acesso em 28 jun 2018.

ZANIN, Tatiana. Para que serve o gengibre. Disponível em: <<https://www.tuasaude.com/gengibre/>>. Acesso em 28 jun 2018.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**GABRIELLA ROSSETTI FERREIRA** Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.

Mestra em Educação Sexual pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.

Realizou parte da pesquisa do mestrado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IEUL).

Especialista em Psicopedagogia pela UNIGRAN – Centro Universitário da Grande Dourados - Polo Ribeirão Preto.

Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Agência de Fomento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

Atua e desenvolve pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade, Formação de professores, Tecnologias na Educação, Psicopedagogia, Psicologia do desenvolvimento sócio afetivo e implicações na aprendizagem.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0921188314911244>

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Arte 7, 72, 87, 133, 134

### C

Civilização 5, 115, 161

Comunidade 62, 93, 94, 98

Conhecimento 54, 70, 97

Contexto 98

Cultura 2, 5, 8, 18, 24, 26, 54, 70, 72, 101, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 140, 142, 162, 164

### D

Democracia 134

Desenvolvimento 55, 70, 90, 97, 98, 99, 128, 164, 196

Diferenciação 2, 5, 24

Discurso 162

### E

Escola 98, 122, 125, 126, 128

### H

História 2, 3, 12, 13, 16, 17, 26, 30, 34, 39, 41, 42, 54, 70, 71, 72, 88, 115, 141, 151, 160, 161, 175, 176, 193, 194

### I

Identidade 25, 127, 130

### L

Liberdade 98, 185

### M

Memória 71, 72, 79, 117, 151, 164, 194

### P

Percepção 141

Política 42, 97, 127, 128, 129, 133, 134

Processo 141

## **R**

Realidade 88

Resistência 2, 5, 24, 154

Revolução 5, 27, 28, 35, 37, 38, 41, 42, 106, 111, 136

## **S**

Social 2, 5, 6, 17, 24, 26, 40, 41, 52, 55, 70, 88, 97, 131

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-524-2



9 788572 475242